

# LEITURA COMPLEMENTAR

## *AULA 29*

### **ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA**

A ANTROPOLOGIA DA GRAÇA DIANTE DA GRANDEZA  
E DA MISÉRIA HUMANA

## **A ANTROPOLOGIA DA GRAÇA DIANTE DA GRANDEZA E DA MISÉRIA HUMANA APROFUNDAMENTO**

A antropologia católica apresenta uma visão realista da pessoa humana, que reconhece tanto a sua dignidade original, criada à imagem e semelhança divina, quanto a ferida profunda causada pelo pecado. Diferentemente de perspectivas que negam a existência do mal ou, inversamente, caem no desespero, a tradição católica — especialmente por meio de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino — afirma que a graça divina não substitui a natureza, mas restaura, cura e eleva-a. A *theosis*, vocação suprema do cristão, revela que cada batizado é chamado, pela graça, a ser transformado em participante da vida trinitária, processo que se realiza concretamente por meio dos sacramentos, da oração e da vida comunitária. Esta síntese entre o realismo da ferida humana e a esperança da transformação pela graça constitui o fundamento de uma antropologia que responde aos anseios profundos da pessoa contemporânea, oferecendo um caminho autêntico de salvação e de realização.

### **1. O Pecado Original e a Ferida da Natureza Humana**

A antropologia católica oferece uma compreensão realista da condição humana que reconhece simultaneamente a grandeza do ser humano criado à imagem de Deus e a sua miséria, causada pelo pecado original. Esta visão equilibrada rejeita tanto o otimismo humanista, que nega a ferida do pecado, quanto o pessimismo, que nega a capacidade humana para o bem. A teologia da graça, desenvolvida por Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, ensina que a graça não anula a natureza humana, mas a aperfeiçoa e eleva, permitindo ao homem ferido pelo pecado participar da vida divina por meio de Cristo. Esta compreensão integrada da grandeza e da miséria humana é fundamental para uma antropologia cristã autêntica, pois oferece uma resposta realista aos desafios da condição humana, sem cair no desespero nem na ilusão. Sendo assim, o ser humano é, simultaneamente, portador de uma dignidade inviolável e ferida pela culpa; capaz de amar e odiar; chamado à santidade e propenso ao pecado. Reconhecer esta

ambivalência é reconhecer a verdade sobre quem somos e, portanto, abrir-nos à ação transformadora da graça divina.

O realismo cristão começa com o reconhecimento de que o ser humano é criado bom, mas ferido pelo pecado original. Esta ferida não destrói a imagem divina que constitui a essência da dignidade humana, mas a desfigura, enfraquece e desvia-a de seu verdadeiro fim. A narrativa bíblica do Gênesis (capítulos 2-3) apresenta a queda de Adão e Eva como o evento primordial que introduz o pecado e a morte no mundo. O Novo Testamento, especialmente em São Paulo (Romanos 5,12-21), aprofunda essa compreensão, afirmando que “por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Paulo não apenas constata a universalidade do pecado, mas também o vincula a uma origem comum em Adão, estabelecendo uma solidariedade de pecado que será superada pela solidariedade da graça em Cristo.

Nos Padres da Igreja, a doutrina do pecado original foi desenvolvida e debatida. Os Padres Gregos, como Santo Atanásio de Alexandria, enfatizaram a perda da imortalidade e da incorruptibilidade, bem como a ignorância, como as principais consequências da queda, vendo o pecado como uma doença que afeta a natureza humana, tornando-a mortal e sujeita à paixão. Eles tendiam a focar mais na herança da mortalidade e na fragilidade do que na culpa transmitida. No Ocidente, Santo Agostinho de Hipona (354-430) foi o teólogo que mais profundamente sistematizou a doutrina do pecado original, especialmente em sua controvérsia com Pelágio. Como já visto em outras aulas, Agostinho, em sua obra *Cidade de Deus*, oferece uma descrição profunda desta condição por meio da imagem do "*homo incurvatus in se*" — o homem curvado sobre si mesmo. Esta expressão não significa que o ser humano seja essencialmente mau ou totalmente corrompido, mas que está voltado para si mesmo, focado em sua própria vontade, incapaz de amar verdadeiramente a Deus e ao próximo sem a ajuda da graça divina. O pecado original criou uma curvatura na alma humana que a desvia do seu verdadeiro centro — Deus — e a volta para si mesma. Esta curvatura manifesta-se em todas as dimensões da vida humana: na busca desordenada do poder, do prazer e da honra; na dificuldade de amar desinteressadamente; na tendência ao egoísmo e à injustiça. Para Santo

Agostinho, o pecado original é transmitido por geração, resultando em culpa herdada e na perda da justiça original, o que torna a vontade humana ferida e inclinada ao mal (concupiscência).<sup>1</sup>

O pecado original não destruiu a capacidade humana de fazer o bem, nem eliminou completamente a liberdade ou a razão, mas enfraqueceu, obscureceu e desviou-as de seu verdadeiro fim. A compreensão agostiniana do "*homo incurvatus in se*" oferece uma chave para entender por que a graça é absolutamente necessária à salvação. Não se trata de uma necessidade externa, como se Deus impusesse uma exigência arbitrária, mas de uma necessidade que brota da própria natureza da condição humana ferida. O ser humano, por seus próprios esforços, não consegue se "desencurvar", nem voltar-se completamente para Deus, nem amar com a pureza e a totalidade que a vida divina exige. Isto não significa que o homem seja incapaz de fazer nada de bom — a experiência mostra que mesmo os pecadores podem praticar atos virtuosos — mas significa que, sem a graça, o ser humano não pode alcançar a plenitude da vida cristã, não pode amar a Deus com todo o coração e ao próximo como a si mesmo, não pode ser verdadeiramente livre do pecado. A graça, portanto, é o remédio divino para esta ferida, não um acréscimo externo à natureza, mas uma elevação e uma cura que permitem à natureza humana realizar seu verdadeiro potencial e sua verdadeira vocação.<sup>2</sup>

Santo Tomás de Aquino (1225-1274), em sua *Suma Teológica*, desenvolve esta compreensão por meio de sua doutrina segundo a qual a graça não anula, mas aperfeiçoa a natureza.<sup>3</sup> Esta é uma afirmação fundamental da antropologia católica que evita tanto o dualismo que separa natureza e graça quanto o monismo que as confunde. A graça não vem de fora como algo estranho à natureza humana, nem substitui a natureza, mas trabalha em conjunto com ela, elevando-a e aperfeiçoando-a.<sup>4</sup> Um exemplo ajuda a esclarecer este pensamento: assim como a graça que

---

<sup>1</sup> Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livro XIV, cap. 13.

<sup>2</sup> Santo Agostinho, *Sobre a Graça e o Livre Arbítrio*, cap. 2-5 (necessidade da graça e capacidade para o bem); *Sobre a Natureza e a Graça*, cap. 3-4 (graça como cura e elevação); *Confissões*, XIII, cap. 1 (necessidade da graça para a salvação); *Cidade de Deus*, XIV, cap. 28 (homem voltado para si mesmo), XXII, cap. 24 (graça como remédio divino); *Contra Pelágio*, II, cap. 5; III, cap. 7.

<sup>3</sup> Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 1, a. 8 ad 2.

<sup>4</sup> *Ibid.*, *Suma Teológica*, III, q. 1, a. 1-2 (Encarnação e restauração da humanidade), q. 48, a. 1-2 (redenção como restauração), q. 49, a. 1 (redenção e libertação); II, q. 110, a. 1-2 (graça aperfeiçoa a natureza); q. 3, a. 8

permite a um cego ver não destrói a sua natureza humana, mas a restaura e aperfeiçoa, assim também a graça divina não destrói a natureza humana, mas cura-a e eleva-a. A redenção em Cristo não significa que o ser humano deixe de ser humano, mas que sua humanidade é restaurada em sua verdadeira forma, elevada à participação da vida divina. Esta síntese tomista é profundamente importante porque oferece uma resposta equilibrada aos grandes desafios antropológicos: reconhece a dignidade e a capacidade da natureza humana, mas também reconhece a sua ferida e necessidade de salvação. Isso não é um pessimismo que nega qualquer bem no homem, nem um otimismo que nega a realidade do pecado, mas um realismo que vê o ser humano em sua verdade integral.<sup>5</sup>

## 2. O Pecado Original no Magistério e em Teólogos Contemporâneos

O Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, reafirma a doutrina do pecado original, de modo a conciliar a grandeza e a miséria humanas. O documento reconhece que o homem, embora criado bom, "desde o início da história, abusou da sua liberdade, erguendo-se contra Deus e desejando atingir o seu fim fora de Deus"<sup>6</sup>. Isso resultou em uma "inclinação para o mal" e na necessidade de redenção. Contudo, o Concílio enfatiza que "o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado"<sup>7</sup>, reafirmando que Cristo é a chave para compreender tanto a profundidade da ferida quanto a grandeza da vocação humana.<sup>8</sup> A Declaração *Dignitas Infinita* do Dicastério para a Doutrina da Fé, de 2024, ao tratar da dignidade humana, reitera que, embora a dignidade seja intrínseca e inalienável por ser o homem criado à imagem de Deus, ela foi "revelada plenamente quando o Pai enviou seu Filho, que assumiu a existência humana por inteiro." O pecado, portanto, não anula a dignidade, mas a obscurece e a desafia, sendo Cristo a sua plena restauração.

---

(bem-aventurança e humanidade); q. 4, q. 1 (bem-aventurança como realização da natureza); *Summa Contra Gentiles*, III, caps. 147-149 (graça e participação na vida divina).

<sup>5</sup> Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II, q. 109, a. 2.

<sup>6</sup> Concílio Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n. 13.

<sup>7</sup> *Ibid.*, n. 22.

<sup>8</sup> *Ibid.*, n. 13 e 22.

O Catecismo da Igreja Católica sintetiza a doutrina sobre o pecado original, afirmando: “a doutrina do pecado original é, por assim dizer, o «reverso» da Boa Nova de que Jesus é o Salvador de todos os homens, de que todos necessitam da salvação e de que a salvação é oferecida a todos graças a Cristo. A Igreja, que tem o «sentido de Cristo», sabe que não se pode tocar na revelação do pecado original sem lesar o Mistério de Cristo.”<sup>9</sup> E ainda: “o pecado original, embora próprio a cada um, não tem, em nenhum descendente de Adão, um caráter de falta pessoal. É a privação da santidade e da justiça originais; mas a natureza humana não é totalmente corrompida: está ferida nas suas próprias forças naturais, sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado (esta inclinação para o mal chama-se «concupiscência»).”<sup>10</sup>

Teólogos contemporâneos também aprofundaram essa reflexão. Yves Congar (1904-1995), em sua vasta obra sobre a Tradição e a eclesiologia, embora não se foque primariamente no pecado original, a sua compreensão da Tradição viva e do desenvolvimento doutrinal implica que a compreensão da ferida humana e da necessidade da graça é constantemente reinterpretada à luz das novas situações. Ele enfatiza que a graça atua na história, transformando a realidade humana e eclesial, que sempre carrega as marcas do pecado, mas é impulsionada pela ação do Espírito.<sup>11</sup> Hans Urs von Balthasar (1905-1988), com sua estética teológico-teodramática, oferece uma perspectiva sobre o pecado original que o insere no grande drama da salvação. A “miséria humana” causada pelo pecado é compreendida em contraste com a “glória” de Deus, revelada em Cristo. A ferida do pecado não é apenas uma questão legal ou moral, mas uma desfiguração da beleza original do homem, que só pode ser restaurada pela beleza redentora de Cristo. A consciência, para Balthasar, é o lugar onde essa desfiguração é sentida e onde a atração pela beleza divina se torna um chamado à conversão e à restauração.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, para. 389.

<sup>10</sup> *Ibid.*, para. 405.

<sup>11</sup> Yves Congar. *La Tradition et les Traditions*. Vol. I: Essai théologique, cf. especialmente as seções sobre a natureza dinâmica da Tradição e o papel do Magistério na interpretação da verdade revelada e da lei natural.

<sup>12</sup> Hans Urs von Balthasar, *Herrlichkeit: Eine theologische Ästhetik*. Vol. I: Schau der Gestalt, cf. as seções sobre a percepção da beleza divina e a resposta humana).

Joseph Ratzinger aborda o pecado original e suas consequências em diversas obras, sempre enfatizando a centralidade de Cristo como a resposta à condição humana ferida. Para Ratzinger, o pecado original não é apenas um evento do passado, mas uma realidade que afeta a liberdade e a razão humanas, obscurecendo a capacidade de reconhecer a verdade e de amar. Em *Verdade e Tolerância*, ele argumenta que a consciência, ferida pelo pecado, precisa ser formada e iluminada pela verdade que é Cristo. A liberdade humana, embora enfraquecida, é chamada a responder ao amor de Deus, e a graça é o que capacita essa resposta. A dignidade humana, embora ferida, é inalienável porque se baseia na imagem de Deus, que Cristo veio restaurar e elevar.<sup>13</sup>

### **3. Theosis: Deificação e Participação na Vida Divina**

A vocação última do ser humano, segundo a antropologia católica e, de forma ainda mais enfática, a teologia ortodoxa, é tornar-se participante da natureza divina — o que os Padres gregos chamavam de *theosis*, ou divinização. Santo Atanásio de Alexandria (c. 295-373), um dos grandes Padres da Igreja, afirma com clareza: “Deus se fez homem para que o homem se tornasse deus.” Esta afirmação, que pode parecer estranha à primeira vista, expressa uma verdade profunda sobre o desígnio divino para a humanidade. Não significa que o homem se torne Deus por natureza, adquirindo os atributos divinos de onipotência, onisciência ou eternidade, mas que é chamado a participar da vida divina, a viver em comunhão com Deus, a ser transformado pela graça, de modo que sua vontade se una à vontade divina e seu amor se torne participação do amor trinitário.

Na teologia ortodoxa, a *theosis* é o conceito central da soteriologia e da antropologia. Teólogos como São Máximo, o Confessor (580-662), e São Gregório Palamas (1296-1359) desenvolveram a doutrina da *theosis* de forma exaustiva. Para eles, a divinização é o propósito da criação e da encarnação de Cristo. São Máximo enfatizou que a união com Deus ocorre por meio da sinergia entre a vontade divina e a vontade humana, enquanto Palamas distinguiu entre a essência

---

<sup>13</sup> Joseph Ratzinger, *Verdade e Tolerância: Fundamentos da Teologia Cristã*, cf. especialmente cap. 1, "A Verdade no Pensamento Cristão", e cap. 2, "A Verdade e a Consciência".

incognoscível de Deus e suas operações divinas, pelas quais o homem pode participar da vida divina sem se tornar Deus por essência. A *theosis* é vista como um processo contínuo de purificação, iluminação e glorificação, que envolve todo o ser humano – corpo e alma – e é alimentado pelos sacramentos, pela oração incessante (especialmente a Oração de Jesus) e pela ascese.

Embora o termo "*theosis*" seja mais comum na Ortodoxia, a teologia católica também sustenta a doutrina da participação na vida divina, empregando termos como "divinização", "filiação adotiva" e "graça santificante". O Catecismo da Igreja Católica afirma que "o Verbo se fez carne para nos fazer 'participantes da natureza divina' (2 Pd 1,4)."<sup>14</sup> E ainda: "O fim último de toda a economia divina é a entrada das criaturas na unidade perfeita da Santíssima Trindade. Mas desde já somos chamados a ser hóspedes da Santíssima Trindade, a fim de que, por meio da graça, participemos da vida divina, aqui na terra, na obscuridade da fé, e depois da morte, na luz eterna."<sup>15</sup>

Yves Congar e Hans Urs von Balthasar, embora não usem o termo *theosis* com a mesma frequência que os ortodoxos, incorporam a substância dessa doutrina às suas teologias. Congar, ao falar da Igreja como sacramento universal de salvação, vê a graça como um princípio de transformação que eleva a humanidade à comunhão com Deus. Balthasar, por sua vez, na *Glória* e na *Teodramática*, descreve a vida cristã como uma conformação a Cristo, uma participação no seu drama de amor e entrega, que culmina na glorificação do homem em Deus. A beleza de Cristo atrai o homem a uma transformação que o conduz à plenitude de sua vocação divina.<sup>16</sup> Joseph Ratzinger (Bento XVI), em sua teologia, também ressalta a dimensão da participação na vida divina. Ele enfatiza que a fé não é apenas aceitação de doutrinas, mas um encontro pessoal com Cristo que transforma o ser humano. A Eucaristia, em particular, é vista como o sacramento que nos une mais profundamente a Cristo, tornando-nos participantes de sua divindade. A

---

<sup>14</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, para. 460.

<sup>15</sup> *Ibid.*, 260.

<sup>16</sup> Hans Urs von Balthasar, *Herrlichkeit: Eine theologische Ästhetik*. Vol. I: Schau der Gestalt, cf. as seções sobre a primazia da beleza e a forma de Cristo como revelação). Ver também *Theodramatik*. Vol. II: Die Personen des Dramas: Der Mensch, cf. as seções sobre a liberdade e a vocação do homem no drama da salvação e a conformação a Cristo).

santidade, para Ratzinger, é a plena realização da vocação humana em Cristo, uma vida em comunhão com a Trindade.<sup>17</sup>

A *theosis* é o processo de transformação pela graça que começa no batismo, desenvolve-se por meio dos sacramentos e da vida de oração e alcança a sua plenitude na vida eterna. A santidade cristã é precisamente este processo de transformação, de conformação progressiva com Cristo, de participação cada vez mais profunda na vida trinitária. Os santos não são seres humanos que transcenderam a sua humanidade, mas aqueles que, por meio da graça, realizaram plenamente a sua humanidade ao se tornarem participantes da vida divina. A Igreja oferece os meios para este processo de transformação: os sacramentos, especialmente a Eucaristia, que nos une a Cristo e nos torna participantes de sua vida; a oração, por meio da qual nos abrimos à ação do Espírito Santo; a vida comunitária, por meio da qual aprendemos a amar como Cristo amou; a doutrina, que nos ilumina sobre o caminho da santidade. Cada cristão é chamado a caminhar neste processo de transformação, cada um segundo sua vocação particular. A ressurreição e a vida eterna não são apenas uma recompensa pelo bem agir, mas a plenitude da *theosis*, a realização completa da vocação humana de participar da vida divina.

Para o leigo católico, esta compreensão integrada da grandeza e da miséria humana, da ferida do pecado e da cura da graça oferece uma esperança profunda e realista. Significa reconhecer que somos criados à imagem de Deus e, portanto, portadores de uma dignidade infinita que ninguém pode tirar. Significa também reconhecer que estamos feridos pelo pecado, que somos incapazes de nos salvar a nós mesmos, que precisamos da graça de Deus. Entretanto, significa, acima de tudo, que somos amados por Deus de forma incondicional, que Deus, em Cristo, morreu e ressuscitou para nossa salvação, que somos chamados a ser transformados e elevados à participação na vida divina. Esta esperança não é uma ilusão otimista que nega a realidade do mal e do sofrimento, mas uma esperança realista que reconhece a verdade sobre a condição humana e oferece uma resposta divina a esta verdade. A vida cristã, portanto, é um caminho de conversão contínua, de abertura à graça, de conformação progressiva com Cristo. Não é um

---

<sup>17</sup> Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré, Eucaristia: Coração da Fé*, cf. especialmente os capítulos que abordam a Eucaristia como sacramento da unidade e da transformação do homem, e sua relação com a santidade e a participação na vida divina).

caminho fácil — exige renúncia, sacrifício, morte para si mesmo — mas é um caminho que leva à verdadeira liberdade, à verdadeira alegria, à verdadeira realização humana. É o caminho da *theosis*, da participação na vida divina, que começa aqui e agora e se prolonga na eternidade. Esta é a promessa e a vocação da antropologia católica: que cada ser humano, ferido pelo pecado, mas redimido pela graça de Cristo, possa ser transformado e elevado à comunhão eterna com Deus.

## Questões para Aprofundamento:

### **1. Qual é a visão fundamental da antropologia católica sobre a condição humana e como ela se diferencia de outras perspectivas filosóficas ou teológicas?**

- A antropologia católica oferece uma visão profundamente realista e equilibrada da condição humana, que reconhece simultaneamente a dignidade original do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, e a miséria causada pelo pecado original. Essa perspectiva se diferencia de outras por rejeitar tanto o otimismo humanista ingênuo, que nega a profundidade da ferida do pecado e superestima a capacidade humana autônoma para o bem, quanto o pessimismo radical, que nega qualquer capacidade humana para a bondade ou a redenção. A tradição católica, especialmente por meio de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, sustenta que a graça divina não anula nem substitui a natureza humana, mas restaura, cura e eleva, permitindo-lhe alcançar sua plenitude. É uma visão que integra a grandeza e a ferida, a vocação à santidade e a propensão ao pecado, oferecendo um caminho de salvação e realização que não ignora a realidade do mal.

### **2. Como a Bíblia e os Padres da Igreja, tanto Gregos quanto Latinos, abordam o conceito de Pecado Original e suas consequências?**

- A Bíblia, no Gênesis (capítulos 2-3), descreve a queda de Adão e Eva como o evento primordial que introduz o pecado, a morte e a ruptura da harmonia. São Paulo, em Romanos 5,12-21, aprofunda essa compreensão, afirmando a universalidade do pecado e sua vinculação a Adão, estabelecendo uma solidariedade de pecado que será superada pela graça em Cristo. Os Padres Gregos, como Santo Atanásio de Alexandria, enfatizaram as consequências do pecado original, como a perda da imortalidade e da incorruptibilidade, bem como a ignorância, vendo o pecado como uma doença que afeta a

natureza humana, tornando-a mortal e sujeita à paixão. Eles focaram mais na herança da fragilidade e da mortalidade do que na culpa transmitida. Já no Ocidente, Santo Agostinho de Hipona sistematizou a doutrina, enfatizando a culpa herdada e a perda da justiça original, que resultam em uma vontade humana ferida e inclinada ao mal (concupiscência). Sua imagem do "*homo incurvatus in se*" ilustra o homem voltado para si mesmo, incapaz de amar verdadeiramente sem a graça divina.

**3. Qual a importância da doutrina de Santo Tomás de Aquino de que "a graça não anula, mas aperfeiçoa a natureza" para a compreensão do Pecado Original e da redenção?**

- A doutrina tomista de que "a graça não anula, mas aperfeiçoa a natureza" é fundamental para a antropologia católica, pois evita extremos dualistas ou monistas. Ela significa que a graça divina não destrói a essência da natureza humana, nem a substitui por algo totalmente novo, mas atua sobre ela, curando as feridas do pecado original e elevando-a a um patamar superior de existência. Em relação ao pecado original, isso implica que a ferida não corrompeu totalmente a natureza humana, mas a enfraqueceu e a desviou. A graça, portanto, não é um "remendo" externo, mas uma força intrínseca que capacita a natureza humana a realizar seu verdadeiro potencial e sua vocação divina, restaurando a imagem de Deus e elevando-a à participação na vida divina. É um realismo que reconhece a dignidade e a capacidade da natureza humana, mas também sua ferida e necessidade de salvação.

**4. Como teólogos contemporâneos, como Congar, Balthasar e Ratzinger, contribuem para a compreensão do Pecado Original e de suas implicações?**

- Esses teólogos contemporâneos, embora com abordagens distintas, enriquecem a compreensão do pecado original. Yves Congar o aborda indiretamente, enfatizando que a graça atua na história e na Igreja,

transformando uma realidade humana e eclesial que sempre carrega as marcas do pecado, mas é impulsionada pelo Espírito. Hans Urs von Balthasar enquadra o pecado original no grande drama da salvação, vendo a "miséria humana" como uma desfiguração da beleza original do homem, que só pode ser restaurada pela beleza redentora de Cristo. Para ele, a consciência é o lugar onde essa desfiguração é sentida e onde a atração divina chama à conversão. Joseph Ratzinger (Bento XVI) enfatiza a centralidade de Cristo como a resposta à condição humana ferida pelo pecado original, que afeta a liberdade e a razão. Ele argumenta que a consciência, ferida, precisa ser formada e iluminada pela verdade que é Cristo, e que a graça capacita a liberdade humana a responder ao amor de Deus, restaurando a dignidade inalienável baseada na imagem divina.

##### **5. Qual é a doutrina da *theosis* e como ela se manifesta na teologia ortodoxa e católica?**

- A *theosis*, ou divinização, é a vocação última do ser humano: tornar-se participante da natureza divina. Na teologia ortodoxa, é o conceito central da soteriologia, significando um processo contínuo de purificação, iluminação e glorificação que envolve todo o ser humano. Teólogos como São Máximo, o Confessor, enfatizaram a sinergia entre as vontades divina e humana, enquanto São Gregório Palamas distinguiu entre a essência incognoscível de Deus e suas operações divinas (ou graça incriada), pelas quais o homem participa da vida divina sem se tornar Deus por essência. Na teologia católica, embora o termo seja menos comum, a substância da doutrina é afirmada por meio de conceitos como "filiação adotiva", "graça santificante" e a participação na vida divina, conforme expresso no Catecismo da Igreja Católica (CIC 460, 260), que afirma que o Verbo se fez carne para nos fazer "participantes da natureza divina".

**6. Como a afirmação de Santo Atanásio de Alexandria, "Deus se fez homem para que o homem se tornasse deus", resume a essência da theosis?**

- A célebre afirmação de Santo Atanásio de Alexandria resume a essência da *theosis* ao destacar a finalidade soteriológica da Encarnação. Ela não sugere que o homem se torne Deus por natureza, adquirindo atributos divinos, como a onipotência, mas sim que, pela união hipostática de Cristo, a humanidade é elevada e capacitada a participar da vida divina. Cristo, ao assumir a natureza humana, a redime e a diviniza, permitindo que a vontade humana se una à vontade divina e que o amor humano se torne uma participação do amor trinitário. É um convite à comunhão e à transformação pela graça, restaurando a imagem e semelhança divinas que foram desfiguradas pelo pecado.

**7. Quais são os "meios" que a Igreja oferece para o processo de theosis na vida cristã concreta?**

- A Igreja oferece diversos meios para o processo de *theosis*, que não é uma doutrina abstrata, mas uma realidade vivida. Os principais são: os sacramentos, especialmente a Eucaristia, que une o fiel a Cristo e o torna participante de Sua vida; a oração, que abre o ser humano à ação do Espírito Santo e à comunhão com Deus; a vida comunitária, onde se aprende a amar como Cristo amou e a viver em fraternidade; e a doutrina, que ilumina o caminho da santidade e da transformação. Por meio desses meios, cada cristão, em sua vocação particular, é chamado a caminhar em um processo contínuo de purificação, iluminação e glorificação, buscando a conformação progressiva com Cristo.

## **8. Como o Catecismo da Igreja Católica aborda o Pecado Original e a *theosis*?**

- O Catecismo da Igreja Católica aborda o Pecado Original como o "reverso" da Boa Nova da salvação em Cristo (CIC 389), enfatizando que ele é uma privação da santidade e da justiça originais, que fere a natureza humana (sujeitando-a à ignorância, sofrimento, morte e concupiscência), mas não a corrompe totalmente (CIC 405). Quanto à *theosis*, o Catecismo afirma explicitamente que "o Verbo se fez carne para nos fazer 'participantes da natureza divina' (2 Pd 1,4)" (CIC 460). Ele também descreve o fim último da economia divina como a entrada das criaturas na unidade da Santíssima Trindade, pela qual somos chamados a participar da vida divina pela graça, tanto na terra quanto na eternidade (CIC 260).

## **9. Qual a relação entre a "liberdade" humana e a "graça" no contexto da antropologia católica, especialmente após o Pecado Original?**

- Após o Pecado Original, a liberdade humana não foi destruída, mas enfraquecida, obscurecida e desviada de seu verdadeiro fim. A antropologia católica, especialmente por meio de Ratzinger, entende que a verdadeira liberdade não é a ausência de vínculos, mas a capacidade de aderir à verdade que liberta. A graça divina é absolutamente necessária para a salvação, não como uma imposição externa, mas como um remédio divino para a ferida do pecado. Ela capacita a vontade humana, ferida pelo "*homo incurvatus in se*", a "desencurvar-se" e a voltar-se para Deus. A graça, portanto, não anula a liberdade, mas a restaura e a eleva, permitindo que o ser humano responda livremente ao amor de Deus e realize seu verdadeiro potencial, amando a Deus e ao próximo com a pureza e a totalidade que a vida divina exige.

**10. Que esperança a antropologia da graça oferece ao leigo católico diante da grandeza e da miséria humanas na contemporaneidade?**

- Para o leigo católico, a antropologia da graça oferece uma esperança profunda e realista. Ela significa reconhecer a dignidade infinita inerente a cada ser humano, criado à imagem de Deus, que não pode ser tirada por nenhuma circunstância. Ao mesmo tempo, reconhece a realidade da ferida do pecado, a incapacidade de se salvar por si mesmo e a necessidade da graça divina. Contudo, acima de tudo, essa antropologia revela um amor incondicional de Deus, que, em Cristo, oferece a salvação e a vocação à *theosis*. Essa esperança não é uma ilusão otimista que nega o mal e o sofrimento, mas um realismo que vê a condição humana em sua integralidade e oferece uma resposta divina a essa verdade. A vida cristã é, assim, um caminho de conversão contínua, de abertura à graça e de conformação progressiva com Cristo, que, embora exigente, conduz à verdadeira liberdade, alegria e realização humana, culminando na participação eterna na vida divina.

## BIBLIOGRÁFICA:

- AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *Herrlichkeit: Eine theologische Ästhetik*. Vol. I: Schau der Gestalt. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1961.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *Theodramatik*. Vol. II: Die Personen des Dramas: Der Mensch. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1976.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Ou outra edição de preferência).
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1992.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CONGAR, Yves. *La Tradition et les Traditions*. Vol. I: Essai théologique. Paris: Fayard, 1960.
- DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dignitas Infinita*. Sobre a Dignidade Humana. Roma, 2024. Disponível em: [Inserir link se houver um oficial e estável]. Acesso em: [Data do acesso].
- RATZINGER, Joseph. *Eucaristia: Coração da Fé*. Tradução de [Nome do Tradutor, se disponível]. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Planeta, 2007-2012. (3 volumes).
- RATZINGER, Joseph. *Verdade e Tolerância: Fundamentos da Teologia Cristã*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Loyola, 2001. (Volumes específicos conforme a edição).